

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

Carta dirigida pela Illm. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redacção do Jornal das Senhoras.

Dignai-vos accitar esta fraca homenagem da sympathia que consagro a um Jornal, da redacção do qual me afastarão circumstancias alheias da minha vontade.

Assisti, com as vossas collaboradoras, á representacção das minhas peças, não porque sejam ellas de subido merecimento, mas sim, porque produções de uma senhora, são o padrão da conquista dos sagrados direitos da nossa intelligencia, presente cel. ste do Creator; e porque essa excepção ao preconceito que nos condemnava á inacção intellectual merece ser sancionada por todos aquelles, que tem confiança no porvir da humanidade, que ajuíz o progresso das letras no Brasil e cooperão para esse fim.

Com esta distincta carta honrou-nos a illustre Autora dramatica, convidando-nos ao seu beneficio, que terá lugar na noite do dia 8 de Outubro, no theatro de S. Pedro de Alcantara; e mais uma vez nos outorgou as vivas demonstrações do quanto preza e estima o Jornal, de que foi a primeira e tão digna redactora em chefe.

Queira ella consentir que, com esta mesma carta, levemos nós a cada uma das nossas assignantes a recordação do reconhecimento e o signal da gratidão que nosso amor consagra á primeira senhora, que, no Brasil, com seu punho traçou um Jornal e firmou-o com seu nome, abrindo assim

tão nobremente o precioso exemplo da senda litteraria, que outras senhoras para logo o imitarão.

Queridas; señhoras, não precisais por certo que a minha fraca voz se eleve e chegue ao vosso sensível coração, para que neste momento cada uma de vós aprecie as mesmas doces affeições, o mesmo sentimento, a mesma idéa de gratidão: realizemos, pois, esta idéa. Seja a noite do beneficio da distincta Autora essa feliz occasião ambicionada: que ella possa contar nessa noite o numero de todas as suas amigas e affeccionadas, nos aveludados camarotes do theatro de S. Pedro, engrinaltando com os risos, com as bellezas da mocidade, e as fixas, respeitaveis pallidas côres da senectude, um solemne testemunho do seu amor ao merito, do seu reconhecimento á dedicacção.

E vós, señhores, que apreciáis o talento, que presais o progresso da intelligencia, vós tambem tendes uma parte não pequena na consideração, que consagramos á illustre Autora; acompanhai-a nessa noite, sim, sede vós o lustre da vida das virentes flores que ornarem essa noite de um beneficio ao TALENTO.

Achareis na ultima pagina deste Jornal o programma do beneficio.

Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neres,
REDACTORA EM CHEFE.

MODAS

Ora, qual será de vós, queridas leitoras, que se arrufará connigo sómente porque de tres em tres mezes levo ao vosso tocador uma estampa de figurinos de moços bellos e elegantés?

Qual será de vós que, ainda mesmo cheia de toda a razão, não lançará um rápido olhar sobre as tres figuras, para ao menos dar graças a Deus — como a belleza das vestes pôde encobrir por momentos corações ás vezes tão perdidos, tão traçoeiros?

Qual será de vós enfim que não se condoerá da pobre Christina na sua ardua missão de *artiguista de modas*?

Queridas leitoras, não obstante a nenhuma interferencia que tenho sobre a escolha de figurinos, devo entretanto confessar-vos que em geral merece a minha approvação a escolha que delles faz a Redactora em chefe, á cujos cuidados está entregue esta parte das modas. E desta feita (aqui para nós) quasi que lhe dirijo um — bravíssimo! — pela preferencia que deu á gravura dos rapazes. São figurinos que de vez em quando devem, como fructa do tempo, apparecer em o nosso Journal, para que não passe por um soberbão, enfatuado e egoista (que nojo temos nós desta gente!), limitado ao círculo sómente de figurinos de moças, sem fazer caso dos maridinhos, maninhos, cunhadinhos, priminhos, e algum tiosinho adorado e basofo, que ainda queira passar por mecatão, tendo já cincoenta annos! Ha cousas que fazem rir ás pedras.

Deus nos acuda de tal falso testemunho! Que a familia dos tios, primos, cunhados, manos e maridos, não se lembre de tal: oh! fazemos caso, e muito caso, de todo o mundo; mas temos tambem os nossos seis mezes de desforra, que, em consciencia, são bem merecidos e melhor empregados. Nesta partilha não temos duvida.

De qual dos tres moços gostais mais... Ai! não digo bem. Qual dos elegantés está mais bem trajado?

O de paletot claro e chapéo branco revcia, em todo o seu bem faldado e agradavel vestuario, a elegancia e o bom gosto do moço sem affectações, traquejado na boa sociedade, que tanto mais realça e agrada, quanto menos importancia dá á sua roupa.

Faz um perfeito contraste com o elegante que lhe fica em frente. Conquanto use uma casaca, de um melde elegantissimo, gola de veludo e portinholas largas, e lhe vá muy bem aquelle colete sem gola sobre a caça cor de cinza clara, parece que lhe descubra um tanto de affectação e de estudo em seu vestuario de passeio. Assemelha-se a um destes moços, que, em infancia, foram *meninos de palha-vãa*, e crescerão só entregues ao cuidado de bem vestir-se, *namorar*, dizer as mesmas banas fuezas a um cento de moças, possuir um cavallo do Cabo, fumar charutos de Havana; e no fim de contas formão um batalhão de

adornados, que, quando a velhos chegarem, so poderão ensinar a dançar e a nanorar — se até lá esse mesmo poucachinho de intelligencia lhes não faltar.

Outrotanto não direi do elegante que está no meio: parece-me a copia fiel de um moço grave, intelligente e polido, de um tacto fino, e de um bom-tom á toda a prova. O seu vestuario tem uma certa distincção que me agrada.

É uma incontestavel verdade — O estúpido cobre-se de joias — O tolo adorna-se — Mas o homem elegante veste-se.

A elegancia nos homens deve ser na razão inversa do seu amor: no trajar — simples e moderados: no amor — excessivos e verdadeiros.

E não digo nem mais meia palavra; fechei o artigo dos senhores elegantes, como eu não esperava.

Vamos ao Cassino.

Beijemos a mão á Magestade, sempre radiante, sempre cheia de bondade, sempre rainha soberana e adorada em cada um coração brasileiro, qual mã carinhosa, querida de seus filhos ternamente.

Tão suave e animadora era a sua augusta presença, quanto era lindo o seu vestido de filô cor de rosa, composto de tres saias enfeitadas de franjas de marabus prateados, ramos e folhagem de escomilha cor de rosa. A berthe era da mesma franja de marabus.

Para longe o pesado crepe escuro. Toda a corte traja as mais bellas sedas brancas, recamadas de lindos enfeites de ouro. Os *toilettes* são encantadores, são immensos. Reina o prazer, a animação, em todos os salões.

Berranão-se ondas de luz por sobre lavas de ouro e prata, de cem formas graciosas, que se deslizaõ brilhantes desse volcão de encantos, que revolve em si tudo o que ha de mais bello e de mais fascinador, exhalando o mais suave e doce aroma em seu vasto recinto magestoso.

Vejamos cada um desses encantos, cada um desses ricos *toilettes*; dêmos conta fiel do que podemos ver.

— Da Sra. D. — T. S. F. — Vestido de precioso setim, coberto de renda de ponto de Inglaterra. Penteado ornado de barbas de prata e flores, feição Eugénie.

— Da Sra. D. — M. M. P. — Vestido de damasco azul claro, lavrado de azul mais carregado. Berthe á Luiz XV, de renda ponto de Inglaterra, com peitilho da mesma renda. Plumas azues com prata, por enfeite de penteado e peito.

— Da Sra. D. — M. d'A. — Vestido de setim cor de rosa, coberto de renda ponto de Inglaterra. Berthe á Luiz XV e peitilho da mesma renda. Penteado de flores azues e cor de rosa, com iguaes flores no peito.

— Da Sra. D. — E. B. — Vestido *robe-imperiale*, de valioso damasco de seda cor de rosa, todo

tecido de prata e lavrado em relevo com ramagens de seda c6r de rosa mais vivo. Saia inteiramente lisa. Berthe á Fontange, de renda de prata. Grinalda e ramo de peito de flores de escomilha c6r de rosa prateada.

— Da Sra. D. — A. M. R. — Vestido *robe-imp6riale*, de damasco branco prateado. Saia lisa. Berthe de marabus prateados.

Pelo que sou informada s6o os dous vestidos mais ricos que t6em chegado de Paris este anno. S6o chamados *robe-imp6riale*.

— Da Sra. D. — M. G. M. — Vestido de nobreza branca bordada de matiz á *l'orientale*, com tres folhos. Berthe á Luiz XV, da mesma fazenda, bordada no mesmo sentido que os folhos; peitilho e mangas guarnecidas de renda matizada. Grinalda, ramo de peito e das mangas, de flores de c6r matizada.

— Da Sra. D. — M. C. F. — Vestido de fil6 azul, bordado de prata, composto de tres saias; corpinho formado em pregas. penteado de grinalda de flores de escomilha e renda de prata, feiit6 Eug6nie. Enfeite das mesmas flores na saia.

— Da Sra. D. — J. A. — Vestido de damasco assetinado, c6r de ouro, lavrado em relevo de seda branca e prata; saia á disposi66o. Berthe á grega, e flores de c6res vivas enfeitando o corpo e o penteado.

— Da Sra. V. — de M. A. — Vestido de nobreza branca, guarnecido de tres folhos lavrados de ouro; corpinho á grega enfeitado de marabus; grinalda e ramo na saia de flores de ouro e marabus.

— Da Sra. D. — R. B. — Vestido de nobreza c6r de flor de alicrim com tres folhos prateados. Berthe á Fontange de renda da mesma c6r e prata. Penteado de brilhantes.

— Da Sra. D. — C. V. — Vestido de nobreza branca de tres folhos lavrados de prata. Berthe Fontanges, de nobreza enfeitada de franja de prata. Penteado com grinalda Eug6nie, de flores e prata.

— Da Sra. D. — E. F. de A. — Vestido de filo azul, bordado de seda e garça, com duas saias; cabe66o á grega, enfeitado de folos de garça azul. Penteado de renda de prata entre flores azues e c6r de rosa.

E muitos, muitos outros, for6o os lindos *toilettes* que admirei: as duas sobrinhas da Sra. D. — R. B. — estavam encantadoramente vestidas: as lindas filhas da Sra. D. — M. S. S. — com seus vestidos iguaes, distinguindo-se cada um pela c6r s6mente dos enfeites, estavam deliciosos.

Mas o tempo e o espa6o do Jornal falt6o-me, queridas leitoras, e eu posso ficar mal. Paremos aqui, e esperemos o baile seguinte, que ha de ser t6o brilhante ou ainda mais do que este.

Au revoir, Madames.

Cattete, 50 de Setembro.

Christina.

ROMANCE.

UM AMOR DE MULHER.

IV.

(Continuado do n. 59.)

Pass6o assim duas horas, quando um dos ovinos, disse rindo-se ao romancista. J6 l6 vai tempo sufficiente para as moças se terem vestido.

« Qual tempo sufficiente! Qual 6 a moça que prega os mil alfinetes, que ataca os mil colchetes do (collete), que alisa as mil vezes os band6s, e se mira no espelho... (quantas vezes P...?) no espa6o de duas horas!

— Sem exagera66o, respondeu o interpellado. E' necessario fazer um calculo. A' raz6o de duas vezes por minuto, no espa6o de duas horas: s6o duzentas e quarenta vezes.

— Mas suppondo, continuou o romancista, que todas as moças deste baile se atavi6o durante esse curto espa6o de tempo, cu vou continuar.

« Fa6amos abstrac66o, e entremos no sal6o, como diplomatas, 6s dez horas da noite.

« Come6a-se a quarta quadrilha — Fernando dan6a com Lucila; e o seu *vis-à-vis* 6 um dos deputados de hoje por Pernambuco — estudante naquelle tempo, e que dan6a com Cecilia — toda coradinha das sensa66es da dan6a.

« A estrella dessa noite de baile — o archanjo desse Eden — o cynce desse lago voluptuos — a rainha desse reino de encantos — os olhos — a cabe6a — o colo — a cintura mais linda do sal6o — 6 Lucila!

« Lucila, bello bof6o de rosa na haste delicada da sensitiva, estremeccendo ao contacto da m6o de Fernando, baloi6ando-se 6 brisa de seu amor — orvalhada de perfumes que lhe entornara no calis o sereno de seu puro C6o.

« De6s lhe infiltr6a n'um beijo uma alma de santa que foi viver no cora66o; bafejou-lhe nos olhos a ney6a voluptuosa dos amores; apertou-lhe a cintura com suas m6os divinas; e escondeu-lhe no seio cofresinhos de jaspe onde se encerr6o os mysterios do pejo, da virgindade, e da volupia do anjo.

« Estatu6rio da innocencia, Elle tra6ou, com seu sinzel de diamantes do C6o, os toques da candura no semblante angelico de Lucila; contran6ou-lhe nas fran6as as ondula66es dos crespos; mordeu-lhe os l6bios que sug6o a purpura adocicada de sua boca divina.

« Seu *toilette* — era a plumagem da garça — os raios da aurora a se mirar nas gotas do orvalho engastadas no calis de um lirio — a nuvem limpida que envolve a lua — rosa branca aberta 6 meia noite em seu jardim de saphiras.

« Trajava sedas custosas — mas n6o igualav6o ao setim de sua cutis: tinha pulseiras trabalhosas — mas o feiit6 de seu bra6o era mais admiravel: — trazia um collar de brilhantes que faiscav6o de deslumbrantes, mas seus olhos va-

lão mais; — uma linda grinalda cingia-lhe a cabeça — diadema da innocencia; — tinha um bouquet na mão — como o sceptro da graça — mas ella era mais linda e mais pura que sua grinalda e seu bouquet de violetas.

« Que lhes importa saber como era a Berthe de seu vestido — os folhos — as mangas — a guarnição, etc., etc.? Ficarião jejuando e nada apreciarião.

— Está enganado, respondeu um dos ouvintes; — sou assignante do *Jornal das Senhoras* — e sei o que é *quipure* de lenço ou lenço de *quipure* — corpinho à la *grecque* — grinalda de *volubilleses* — vestido *épinlé* — cava das mangas — e mangas de fôfo — mangas pagode — mangas curtas — mangas de babado — mangas de Itamaracá, da Bahia, etc., etc. A respeito de penteados sou grande — sei o que é penteado à Ninon — à Luiz XV — à Maria Antoniette — à Stuart — à Marion de Lorme — à Jeanne Gray — à Dubarry — à Diana de Potiers — à Luiz XIV — bandós de crespos largos — bandós lisos — pastas — bico — e à Eva, que é a moda mais bonita para mim, principalmente quando sahê um ladrãozinho do bauho com o seu *peignoir* branco — ou de manhiã cedo passeando no jardim — quando pensa que ninguém a vê. Ha também penteados à Maria Calderona, á....

— Basta, basta — atalhou o romancista; parece que foste cabelleireiro em pequeno; mas julgo que forjaste penteados da tua *cachola*.

« Se não fosse porque, eu diria que houverão todos esses penteados no baile do Sr. Samuel: não affirmo, mas o que posso aliançar é que nesse jardim, onde Lucila era a rosa — haviaão também delicadas açucenas — garbosas magnolias — uma *dhalia róxa* — cravos de defunto — e papoilas desfolhadas.

« Depois dessa vista d'olhos — vamos invisivelmente ouvir, Fernando, coaversar com Lucila.

« Chegámos nessa bella hora em que se começa sentir este que de indifinível — esse magnetismo que enerva — que na effervescencia do baile — ao ruído dos instrumentos — ao calor que empallidece os lustres, se exhala pouco a pouco de uma *mulhier joven* — a *electrisa* — e volta em torno de nós — como o incenso em derredor do thuribulo que se embala.

« Lucila..., eu te queria alegre até o fim do baile, mas é de minha honra revelar-te uma verdade: disse Fernando.

Ella empallideceu.

O mancebo continuou — « Se eu te dissesse que já te amei, mas que hoje não te amo mais... »

Lucila ficou muda como uma mumia — branca como o marmore de Carrára — e fria como a brumá que encanecce com sua touca de nevoas a cupula da Oliveira que ainda pouco creceu.

Fernando recuou diante de tanto soffrimento: — elle era, nesse momento, cadaver em pé, que levantára-se da campa, banhado do suor da morte.

« Não-Lucila — disse elle: — tudo isso é uma mentira ditada pelo egoismo do *martinho*... Eu queria que na hora do sacrificio — de tres entes que se amarão eu fosse o unico desgraçado; que

nesse dia funebre em que eu depozesse meu coração em seu abraço de dor — embalsamado pela derradeira gota do soffrimento; não tivesse uma lagrima de teus olhos — que fosse ainda torturar o cadaver de minha alma, como uma maldição lançada ao ultimo soluço do moribundo — a repercutir eternamente no vacuo da campa.

« Eu te amei muito tarde.

« Julia é uma pobre menina que amou-me desde a infancia —, é uma orfãa que necessita de mim — e eu jurei-lhe que seria seu esposo.... E um beijo.... e as derradeiras palavras de um velho à beira do sepulchro — assellarão meu juramento com um sello indelevel.

« Era uma criança nesse tempo, e a gratidão precipitou-me no abysmo de minha promessa, que meus olhos de treze annos não sondavão o fundo.

« Nunca amei-a, eu tomo Deus por testemunha: não é tambem por um prejuizo social que eu cumpro meu promettimento; eu desprezo os caprichos do orgulho da Sociedade: — é por ella —, ella que me ama como eu te amo —, que só tem uma palavra nos labios —, é o meu nome; que só tem um suspiro no coração —, é o amor que me consagra; que só tem um pensamento — um sonho — uma dedicação evangelica — sou eu.

« Jurei desposal-a sobre o livro sagrado da honra, mas era um menino então —, não me poderião culpar se hoje abjurasse de minhas palavras de outr'ora.

« A consciencia da razão calcaria o anathema que me lançasse a sociedade, sorriria de escarneo quando me chamassem de vil — de infame — de miseravel —, teria um escarro de sarcasmo, como um escudo contra os epithetos de ignominia que me arrojassem os mesquinhos raciocinios da estupidez.

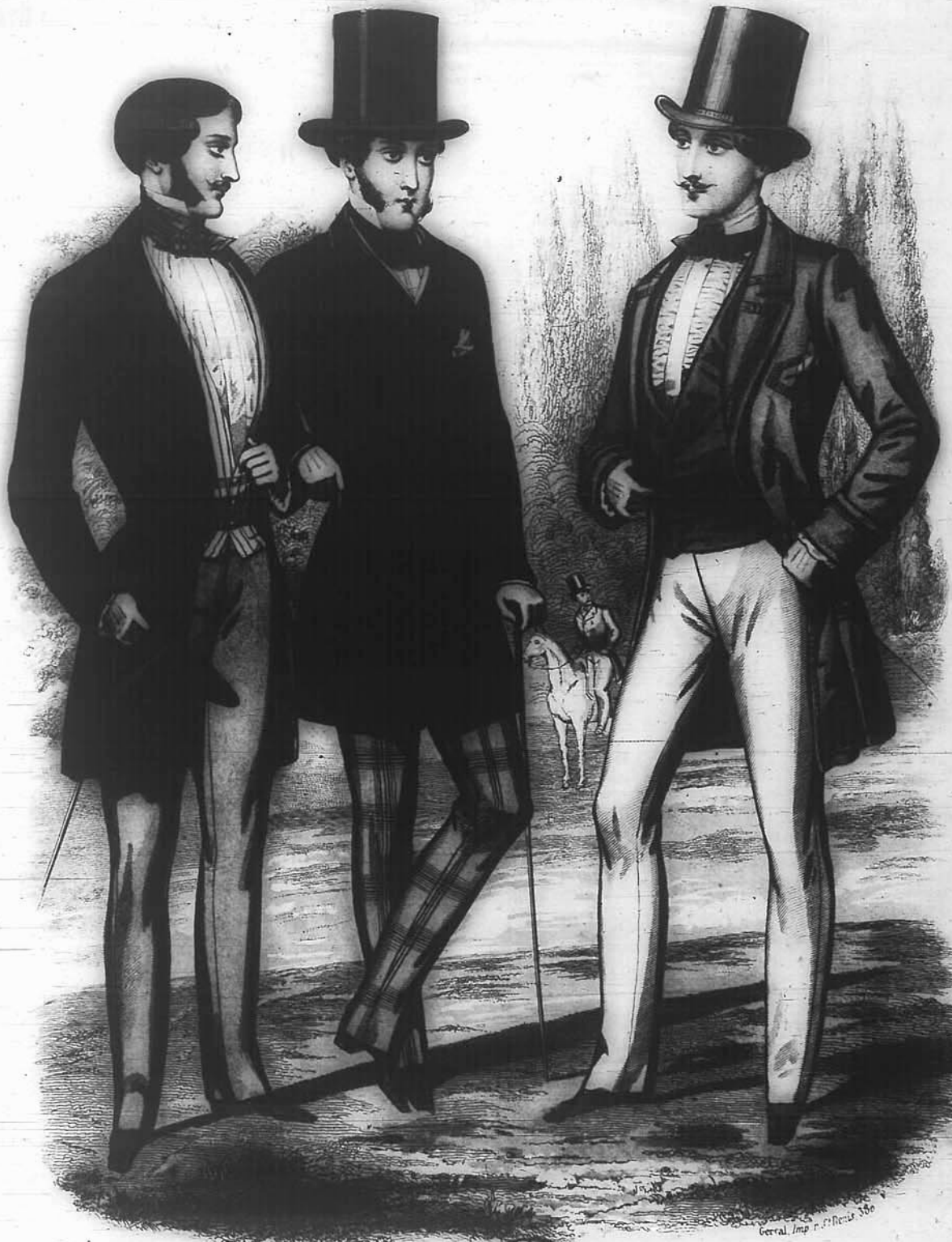
« Elles não penetrarião até minha consciencia.

« Mas Julia! Ella, com seu olhar de santa resignada, me fulminaria a teus pés no bauquete de nossas nupcias.

« No altar de nosso casamento, Lucila, eu ouviria nas palavras do sacerdote — a maldição de Deus: teus carinhos, tremulos de amor, encontrarião a estatua do remorso — no esposo de tua escolha: minha benção de pai, sobre teus filhos idolatrados, seria o baptismo do crime sobre a cabeça da innocencia.... Oh! e por entre o doce estálido de nossos beijos — me soaria aos ouvidos um gemido pungido, Lucila!

« Eu sei que tu me amas tambem; talvez tanto como ella; mas és tão joven.... o tempo apagará com as cinzas do esquecimento o primeiro nome que gravaste em teu coração — Bella assim, rica, prendada, com os dotes de Deus, o mundo te ambicionará — Encontrarás um homem que te comprehenda; mas ella.... a orfãa, coitadinha, encerrada em seu claustro, a viver de seu idolo, morrerá esquecida n'um canto da terra, se o mundo não accnal-a passando — lá vai a mendiga.

« Bem cedo talvez, outra imagem se desenhará na pura tela de tua imaginação; terás então uma palavra de consolação, um sorriso de irmã para o condemnado pelo destino: mas, para mim serás sempre a santa que adorei no sanctuario de minha



General Imp. n. 12. Rev. 1850



alma; serás sempre o lírio que floreceu regado pelas minhas lágrimas; que rescenderá seus perfumes á entranhar-se na eternidade de meu coração. — Ella! será o cyrio acendido — junto á eça de meu cadaver, que se gastará estalando de dores —, e que arderá a cera de seu corpo na ultima noite da vida.

« Os cuidados protectores, já disse uma mulher, são o laço mais doce do casamento. Eu terei ao menos essa offerta — já que não me resta mais nada para dar á Julia. Não tenho amor para enlaçar — em sua capella de noiva — mas lhe restará a protecção da amizade.

« Lucila! uma palavra ao menos! uma exprobração! Este silencio...! sem uma lagrima...! sem um ai... me assusta... me tortura!

Uma lagrima quente tombou dos olhos de Fernando sobre a mãozinha da moça. Góta de fogo da lava de um volcão, salpicada sobre a petala de uma flor, nem sequer arrancou-lhe um movimento.

E' que a febre do sentimento tinha tocado ao gelo da insensibilidade!

Fernando, continuou. « Eu tenho um presentimento que hei de morrer muito cedo....

Lucila estremeceu.

« Eu te supplico para esse dia — uma hora de teu amor; mas até lá Lucila, concede-me o teu desprezo, como um balsamo para meus soffrimentos.

« Hoje será a derradeira vez que me deves ver: accita pois, meu adeus. E quando no futuro passar o carro lumbre de meu enterro, aponta-o de tua janella e dize: — elle amou-me como Deus amou a sua cruz.

Lucila cahiu convulsiva no meio do baile.

A quadrilha tinha terminado. A orchestra emudeceu. E o guincho de um môcho, que passava, repercutiu no salão!

(Continua.)

X. Y.



POESIA.

A DUAS JOVENS.

Elles étaient au ciel....
RACINE.

Qual das duas mais galante,
Qual das duas mais gentil,
Escolher fora entre mil
Estrelas n'um céu de anil
Uma d'ouro mais brilhante!

Nos labios d'uma uni sorriso
Nos d'outra vai expirar;
Aquella me faz amar,
Esta faz-me suspirar:
É viver n'um paraíso!

Se ali diviso uma rosa,
Descortino aqui amor,
Comparo-as, meu Deus, que côr!
São folhas da mesma flor,
Cada qual é mais formosa!

Se me inclino para aquella,
P'ra esta só posso olhar;
Volto o rosto... como amar
Se amor não pôde expressar
Qual das duas é mais bella?...

Se são anjos, se são flores,
Oh! meu Deus, eu sei que são!
Se ter uma é condição
Que só tem o coração,
Pela outra soffro dores!...

Goração, p'ra que fluctuas?
Escolhe a mais linda estrella,
Escolhe a folha mais bella;
Se é esta, exitas, se aquella...
Pois então adora as duas!

S. Paulo, 20 de Setembro de 1855.

Achilles Varejão.



Cachemira.

Fallando nós muitas vezes dos chales e de outros tecidos de cachemira, proveitoso será ás nossas leitoras, que saibão mais alguma cousa a este respeito, que o nome de — cachemira simplesmente.

« O valle de Cachemira é um verdadeiro ninho de verdura e flores. Cavado pelas aguas no seio dos altos pincaros do Himalaia, rodeado de montanhas, das quaes as menores se elevão a quinze ou vinte mil pés, communicando apenas com o resto do mundo por tres caminhos ingremes escarpados, reunindo os productos da Europa aos da Asia, regado de cascatas e fontes, semeado de lagos sobre que fluctuão ilhas de flores e de fructos, o bello valle de Cachemira é de longas eras chamado o paraíso da India.

A unica cidade deste paiz tão gabado chamava-se na sua origem *Sirinagor*, palavra sanscrita, que significa *mansão da ventura*. Toda a sua bacia era semeada de aldeasinhas e risonhas habitações, semi-occultas por virentes pomares, bosques e festões de pampanos e rosas. Por toda a parte os telhados das casas erão feitos em terraços cobertos de flores, cujas hastes pendentes formavão cheirosas e engraçadas grinaldas. O pequeno numero de viajantes, bastante felizes

para poderem penetrar neste novo Eden, achavão o seu idioma muito pobre para lhe exprimirem as bellezas, os poetas tornarão-se os interpretes da sua admiração. Eis como um delles, Thomaz Moore, explica-se n'uma descripção deste lugar de delicias.

« E nunca de noite ou de dia, nunca a encantadora Cachemira resplandece tão alegre, como no tempo da festa das rosas! Toda ella respira amor e luz, visões de dia, festas de noite, o mais radiante sorriso illumina todos os rostos, e os corações aspirão o sópo da brisa embriagante como a rosa de cem folhas; as rosas da estação abrem-se à fresca orvalhada, que, de gota em gota, lhe distila em cada petala seu humido balsamo. Mas é principalmente nessa hora, em que a noite desce fresca e serena sobre o lago, quando o sol occulta o seu disco inflammado por detraz das palmeiras de Baramoule, é então que se deve ver o valle de Cachemira! Um millhar de archotes circulão em todos os sentidos; um millhar de lampadas brilha em cada zimbório; os caminhos ao longe, e ao perto, resplandecem com uma luz tão viva, que se pôde distinguir a mais pequena folhinha de rosa cahida por terra; e todavia, virgens e matronas, todas em casa têm deixado os seus véos nesta luminosa noite; e de todos os lados scintillão formosos olhos, que não se atreverião em brilhar em dia claro; mas que não temem de fascinar as vistas á esta hora.

« O lago cobre-se de flores, como se nelle chovessem grinaldas de fadas; tudo é perfume, tudo é musica ou gritos de alegria; e neste valle de delicias cada alma só se emprega em gozar! »

Ainda que a população da cidade de Cachemira tenha diminuido muitissimo, deve comtudo ser bastante numerosa, pois que se assegura que unicamente na fabricação dos chales emprega cerca de vinte mil pessoas; é verdade que esta industria é quasi a unica occupação dos habitantes de todo o valle; porém os individuos indispensaveis para os diversos misteres e diferentes commercios necessarios para alimentar a cidade devem pelo menos ser em numero duplicado. Orça-se que a provincia-inteira conta oitocentas mil almas.

Fabricão-se em Cachemira duas especies de chales; uns, os mais inferiores, são tecidos com o pello das cabras do paiz; os outros, os mais finos e os mais procurados, são feitos, bem como os francezes, com o pello das cabras do Thibet.

Este bello paiz, onde o luxo da industria veio juntar-se ao do sol e do clima, tem singularmente mudado de aspecto em menos de meio seculo; e este povo, que manda para todo o universo a sua essencia de rosas e os seus brilhantes tecidos, e que parecia não ter nada a receber em troca, existe hoje na mais extrema miseria.

Os viajantes fallão a este respeito todos do mesmo modo. Fortalezas, templos, cidades e aldeas, tudo existe em ruina. A capital é uma grande massa confusa de edificios mal construidos, labyrintho inexplicavel de ruasinhas estreitas, sujas e mal caçadas, no meio das quaes corre um estreito cano sempre cheio de lama estagnada. As casas, geralmente de dous e tres andares, são construidas com tijolos, sem serem cozidos, que,

não sendo cobertos por nenhum cimento, enchem apenas os intervallos do madeiramento.

Estas habitações pessimamente construidas existem, além disso, quasi todas arruinadas, não tendo senão portas a desfazerem-se, rotulas quebradas e vidraças sem vidros.

O caracter dos habitantes, segundo diz Jaquemont, está em relação com as suas habitações, e explica o seu estado miseravel: são egoistas, supersticiosos, dóbres e intrigantes; dotados de grande intelligencia, como manufactureiros e commerciantes, as suas acções são sempre conduzidas por um espirito de velhacaria e astucia, que apenas pôde igualar-se ao descaramento com que affrontão a descoberta das suas trapaças.

Os Cachemirenses são geralmente feios e de pequena estatura: isto facilmente se explica pelo genero de trabalho a que se dão, que os condemna desde pequenos ao ar insalubre das officinas, e a uma assiduidade contra a natureza.

Tal é presentemente o estado de toda a provincia de Cachemira; e todavia, ainda conserva o mesmo clima doce, os mesmos ventos das montanhas, frescos e perfumados, e as mesmas riquezas de vegetação.

Mythologia dos Escocezes antigos.

Segundo a crença dos antigos habitantes da Escocia, as nuvens crão o aposento das almas dos mortos. Os virtuosos e valentes crão recebidos com alegria no palacio aërio de seus pais. Os máos crão condemnados a correr o mundo com os ventos. A felicidade daquelles que habitavão o palacio aërio, consistia em verem satisfeitos todos os seus desejos. O espirito do guerreiro imaginava conduzir aos combates fantasticos exercitos. O caçador perseguia na mente, sobre um gñete de vapor, os javalis, as raposas e outros animaes selvaticos. Todavia, nenhum destes heróes, podia entrar no divino alcaçar, se os seus bardos (cantóres publicos), lhe não entoassem o seu hymno de morte: se esta cerimonia, por acaso, era esquecida, a alma ficava para sempre envolta nas nuvens.

Cada Escocez tinha o seu genio ou anjo tutelar, que descia com a alma de seus pais, no meio das espessas nevoas, a predizer-lhe o exito de suas emprezas.

O echo dos rochedos, que lhes feria o tympano, era o genio da montanha, que se aprazia em repetir-lhes sons agradaveis. O murmurio surdo e lugubre, que, precede a tempestade, era o gemido do genio da collina. Se o vento vibrava as cordas das harpas dos bardos, este som fatidico era tido pelo leve choque das sonibras, que decretavão a morte de algum dos seus magnatas.

Viscondessa da

Socrates e Francklin.

Geralmente passa em proverbio que o homem sabio não se casa. Que loucura! Como se a sabedoria fosse uma febre ardente que minasse a alma eurchasse o coração humano!

De uma circumstancia muitas vezes involuntaria, de uma excepção quasi sempre mal motivada, se tem querido fazer uma sentença. E forte mania!

E contudo vê-se o contrario; os dous homens eminentemente sabios, um da antiguidade, e outro dos nossos tempos modernos, isto é, Socrates e Francklin, ambos foram casados.

Socrates, apêzar de se dar mal com a primeira mulher, nem por isso deixou de casar segunda vez; e Francklin, posto que só uma vez fosse casado, nunca deu motivo a erer que disse se houvesse arrependido.

Viscondessa da ...

Anecdotas.

Uma senhora, extremamente bella, achando-se n'uma assembléa, escolheu toda a noite para seu par um tufal mui presumido. O nosso homem, desvanecido, com tal prova de favor, persuadiu-se logo (como é costume), que a senhora morria por elle; e depois de lhe dirigir mil fluezas, pensando receber uma resposta amorosa, lhe perguntou todo orgulhoso da conquista — *qual o motivo de tão honrosa preferencia?* « Ai! não se admire, senhor; respondeu a dama: meu marido é muito zeloso, e eu para lhe tirar toda a occasião de ciúme, costume sempre escolher para meu par o homem mais feio da companhia. »

Indo uma aldeão confessar-se pela desobriga, acusou-se de haver furtado um pouco de feno da granja do seu visinho, onde havia uma carrada delle. « E arrependeu-se disso? — Sim, Sr. padre. — Mas não basta isso: é preciso restituir, lhe disse o confessor. — Não teria eu duvida disso, Sr. padre; mas como hei de eu saber o que lhe tirei? — Orçando pouco mais ou menos: quantos feixes serão? trinta? — Mais, mais. — Sessenta? — Isso agora será muito. Enfim, Sr. padre, o melhor é ficar esta conta para a outra confissão; porque, como eu tenho tenção de lhe ir buscar o resto que ainda lá está, para o anno faremos a conta á carrada toda. »

Pensamento.

É um proverbio arabe, que a lingua do mudo vale mais que a do maldizente. Uma é inoffensiva, outra é terrivel; e quem ha tão privilegiado, que se considere seguro de ser respeitado por ella? Os homens podem esconder seus thesouros, acautelar suas casas contra a invasão dos saltadores, repellir a força com a força, subtrahir-se ao puhal do assassino por uma acertada prevenção, por uma bem dirigida coragem, ou

pela fuga: mas contra os tiros da meledicencia não valem nem a mais incontestavel probidade, nem as mais cautelosas providencias, nem a força, nem a coragem, nem as grandes fortalezas, nem a fuga, ainda que tão veloz ella fosse, como o ligeiro voo das aves.

BASTOS — *Meditações.*

THEATRO LYRICO.

Beneficio da Sra. Jacobson.

Medonho e nebuloso amanheceu esse dia 26 de Setembro; assim se conservou até á noite, que escura e melancolica, já de per si, parecia então vestir a sua tunica mais obscura e estender sobre a terra seu manto mais denso. Sudario mysterioso, dos delirios, das paixões, dos crimes, dos sonhos da innocencia, e de quanto encerra este cahos, que aos homens aprouve chamar mundo, vida, que sei eu!

Não parecia senão que o genio das melodias lugubres, suspirava em volta do Provisorio, choroso pela sorte daquelle edificio que se erigiu para asylo de quanto ha de mais terno e mais sublime, no coração e no espirito do homem, e que o fado cruel converteu em Pantheon da opera italiana!

E isto não é dizer, que a *Beatrice* fosse acompanhar na sua mansão de esquecimento, *Macbeth* e os *Martyres*; não de certo. A opera correu bem, todos cantarão bem, e houverão momentos em que o silencio profundo da sala, era uma homenagem mais eloquente, do que os applausos ruidosos, que, ás vezes tão fóra de tempo; costumão interromper as melhores frases do cantante ou do solista.

A Sra. Jacobson, não fez o beneficio que esperavamos. Seria isso devido a uma má direcção? ou simplesmente ao medo da chuva? Não sabemos. A Sra. Jacobson, é uma artista de intelligencia e de saber, é sympathica, e merece todo o apoio e protecção de que o publico fluminense é tão prodigo com todos os artistas que á elle se apresentão.

É de esperar que o segundo beneficio da Sra. Jacobson seja melhor succedido.

Teve a honra de ser apresentado a S. M. o Imperador o Sr. Christiano Stokmeyer, compositor de musica, e de offerecer ao mesmo Augusto Senhor a sua opera *D. Sebastião*. S. M. I. recebeu o maestro brasileiro com uma benevolencia tal, que o deixou summamente penhorado. As bellas artes já têm um refugio animador na época presente, e este refugio está em S. Christovão.

Acompanha este n.º 40 uma estampa com figurinos de homem.

THEATRO

S. PEDRO DE ALCANTARA.

Sabbado 8 de Outubro de 1853

RECITA LIVRE DOS SRS. ACCIONISTAS E ASSIGNANTES

EM BENEFICIO DA AUTORA DOS DRAMAS

**Esmeralda, Familia Morel, Saloia, Dictador Rosas,
e vaudeville — Manias do Seculo.**

Finda a execução da ouverture

REGENERAÇÃO

terá logar a primeira representação da comedia-vaudeville, original:

AS MANIAS DO SECULO

finda a qual, repetir-se-ha a muito applaudida symphonia

A PARTIDA DO MARINHEIRO.

Seguir-se-ha a quarta representação do drama historico original, em 5 actos e 7 quadros

O DICTADOR ROSAS

A MASHORCA

No intervallo do 1.º ao 2.º quadro, F. de Sã Noronha executará na sua rabeça as brilhantes variações do Dominó-Noir — e entre o 5.º e o 4.º, a sua fantasia sobre motivos do Sul da America.

No intervallo do 5.º ao 6.º, tocará a orchestra a linda valsa

SAUDADES DE NAPOLES

Respeitosamente dedicada á S. M. a Imperatriz, por Noronha.

O 7.º quadro será ornado com todo o esmero e apparato.

Os bilhetes podem ser procurados em casa da Beneficiada, rua do Regente, loja do n. 55,
e por obsequio na loja do Sr. Paula Brito, praça da Constituição n. 64.